

A OFICINA PAMIN: UMA EXPERIÊNCIA DE PRÁTICA EXTENSIONISTA.

ARAÚJO¹, Marinalda Pereira de
LEANDRO², Patrícia de Araújo
MORAIS³, Mohana Ellen Brito Rodrigues de
MARINS⁴ Jessyca
SILVA⁵ Aldenise Batista
CCHLA/ DCS/ PROEXT 2013 MEC/IPHAN.

RESUMO

O PAMIN (patrimônio, memória e interatividade) é um programa de inclusão digital e educação patrimonial cuja proposta principal é propor visibilidade às manifestações artístico/culturais existentes em bairros periféricos na cidade de João Pessoa, estes que não tem visibilidade pela mídia local. Tendo em vista que é necessário tornar conhecido o site dentro dessas camadas artísticas “invisíveis”, o programa propõe a elaboração de oficinas de educação patrimonial e inclusão digital, além, de ensinar como utilizar o próprio site, com o objetivo de tornar esse público conhecedor dessa ferramenta. Assim, o presente artigo aborda o processo de preparação e execução da primeira Oficina do PAMIN realizada na “ONG fé e alegria”. As oficinas têm como intuito a capacitação do uso do site PAMIN fomentar diálogos entre bolsistas e o público alvo a cerca das temáticas: patrimônio imaterial, diversidade cultural, cultura digital, memória e identidade. A partir da prática extensionista, buscamos relatar a experiência do trabalho de campo, a partir da vivência em sala.

Palavras chave: Pamin, Extensão, Experiência em sala.

INTRODUÇÃO

Há em João Pessoa uma diversidade de manifestações artísticas culturais, algumas dessas manifestações são produzidas por agentes locais oriundos de uma camada social periférica ainda pouco conhecido ou quase “invisível”, ou seja, não apresentam visibilidade pela mídia local. Partindo dessa problemática o programa Patrimônio, memória e interatividade (PAMIN) busca promover a inclusão sócio-cultural de grupos sócio-econômicos desfavorecidos (minoritários) no mundo digital, através da construção de uma plataforma digital (plataforma PAMIN) proporcionando o

¹ UFPB, bolsista, mari_engell@hotmail.com

²UFPB, bolsista, pathi_lg2araujo@hotmail.com

³UFPB, bolsista, mohanamorais@hotmail.com

²

³

⁴ UFPB, bolsista, ponga_inha@hotmail.com

⁵ UFPB, bolsista, aldenise.inha@hotmail.com

protagonismo dos atores artísticos culturais contemporâneos socialmente “periféricos”. Como pode ser lido no Folder de divulgação do Pamin, o programa é desenvolvido a partir de três eixos principais: a criação do site (PAMIN), formação continuada de bolsistas e Oficinas de Educação patrimonial. O site consiste numa plataforma virtual que tem como proposta a catalogação e armazenamento de expressões culturais que forem cadastrados, permitir que qualquer pessoa ou grupo artístico divulguem seus trabalhos de cunho cultural. Dessa forma, o programa pode oferecer a partir do site PAMIN aos mesmos grupos “invisíveis” maior visibilidade de suas produções, no circuito cultural da cidade, além de propor uma divulgação rápida e gratuita de seus trabalhos.

Para que esses grupos possam se ater a essa ferramenta política (o site) é necessário torna-lo conhecido daí a importância da formação continuada⁶ para os bolsistas, que por sua vez tem como foco adentrar em campo a partir da ação das Oficinas de educação patrimonial, estas tornam-se um meio de disseminar o conhecimento do site PAMIN. Para a realização das oficinas ativemo-nos a perspectiva de Andrade (2006), quanto à importância da prática extensionista como uma possibilidade de diálogo entre a universidade e a comunidade numa relação que articula o ensino e a pesquisa, vinculando-se ao exercício de transformação da sociedade. Sabendo que a prática extensionista não se desenvolve tão facilmente a autora aponta que é necessária uma mudança de postura diante o “outro”, o que esta fora da universidade, evitando uma postura de superioridade em relação às comunidades.

DESENVOLVIMENTO

Alocamos neste trabalho experiências vividas a partir da pratica extensionista durante o período de atuação das Oficinas de educação patrimonial no bairro Mandacaru, em dois momentos distintos. A primeira Oficina foi realizada na ONG fé e alegria entre o período de 13 de novembro a 22 de dezembro de 2012 teve três turmas iniciais formadas por crianças e adolescentes com faixa etária de 11 à 12 anos, em cada turma estavam matriculados 12 alunos embora nem todos estiveram presentes. Tivemos

⁶ A formação continuada foi o nome denominado ao processo de formação para os bolsistas, e preparação de conteúdos para as Oficinas de Educação Patrimonial, assim revisamos uma bibliografia que tratava de discussões a cerca de cultura popular, cultura digital, tivemos uma oficina com a educadora Rosa Pinheiro da UFRN, A oficina tinha por objetivo ensinar-nos como trabalhar com jovens, adultos e crianças. Alguns bolsistas participaram de um curso sobre educação patrimonial, fornecido pela casa do patrimônio de João Pessoa, o objetivo do curso era de fornecer subsidio para professores e demais trabalharem essa temática em sala de aula. Dessa experiência trouxemos para o nosso projeto, dinâmicas e leituras que ajudaram na elaboração dos nossos planos de aula.

ainda uma quarta turma, esta formada por moradores do bairro adolescentes e jovens, estes parentes de alunos, ou funcionários da própria ONG. A segunda oficina aconteceu no CRAS Mandacaru – SEDES/PMJP, entre o período de 13 de maio a 19 de junho de 2013.com apenas uma turma de 12 alunos, essa frequência variou entre 7, 9 ou 5 alunos ao longo das sessões, no final da oficina apenas 5 alunos tiveram frequência assídua.

Ambas as Oficinas ocorreram no formato de doze sessões, distribuídas em dois dias na semana, totalizando vinte horas aula. Os alunos em sua grande maioria são moradores do bairro de Mandacaru, são jovens de idade entre quinze a dezenove anos, frequentadores do Projovem adolescente. Entre esses alunos alguns eram formadores, líderes de grupos que desenvolvem algum tipo de atividade cultural como teatro e dança.

Como ressalta Andrade (2006) o principal desafio de quem se lança no trabalho com comunidades e grupos populares é por em prática processos educativos capazes de contribuir para que os sujeitos envolvidos se apropriem da realidade e da vida em todas as dimensões (social, política, pessoal, comunitária etc.).

No decorrer das oficinas o processo ensino/aprendizagem foi mediado por um conjunto de ações que compõe o fazer metodológico. Essas ações subsidiaram um projeto de aprendizagem sobre diversos conceitos no âmbito cultural e tecnológico, devido ao importante papel de oferecer apoio a construção do saber e exposição dos conteúdos. “Ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou construção” (FREIRE, 1996)

Dessa forma, elaboramos metodologias com estratégias diversas, dando ênfase para os materiais expositivos (filmes e documentários), conversas informais, uso de computadores, aulas de campo, exploração visual/sensorial do patrimônio cultural do bairro, mapas para trabalhar noções de memória e identidade com base em experiências pessoais.

Tais metodologias tinham como intento estabelecer certa aproximação entre nós bolsistas e os alunos, procuramos estabelecer uma relação de confiança evitando uma postura hierárquica para que pudéssemos dialogar numa linguagem clara e envolvendo assuntos do interesse deles.

Utilizamos os vídeos⁷ (documentários e filme) com o intuito de aguçar uma discussão sobre a temática exposta, fazendo com que os mesmos refletissem sobre seus

⁷ Utilizamos pequenos vídeos retirados do you tube uma aula do telecurso Brasil, e o filme os Narradores de Javé, tendo nas aulas sobre Educação Patrimonial, quanto nas aulas de memória e patrimônio.

hábitos cotidianos e pensá-los como culturais. Além de trazer por meio de aulas expositivas o que há de cultural (material e imaterial) no Brasil e na Paraíba, na comunidade. Vídeo sobre cultura digital demonstrando como essa tem uma forte influência dentro de nossa sociedade, bem como do nosso cotidiano.

Os computadores foram recursos fundamentais na troca de informação, foram essenciais para que pudéssemos mostrar o site PAMIN, ensiná-los como fazer cadastro como inserir as informações sobre o evento produzido por eles ou por pessoas conhecidas que participam de algum grupo artístico. Utilizamos o mapa do bairro Mandacaru para que procurassem no mapa os lugares que remetiam a memórias afetivas (praça, escola, a feira, entre outros), com esses mapas abordamos a temática sobre patrimônio e memória.

Desse modo fomos ao bairro com o objetivo de explorar visualmente conteúdos culturais, fotografar, filmar pessoas e lugares que tenham uma representação importante no bairro, registrar momentos e informações, a partir da aula de campo, na caminhada os alunos mostraram empolgação quanto ao trajeto que fazem diariamente, cada aluno queria nos mostrar os lugares de maior representatividade (a escola, a praça, o campo, o beco).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta experiência de extensão é importante para nossa trajetória acadêmica, cada bolsista encontra na experiência de extensão a possibilidade de socializar e trocar conhecimentos com os indivíduos envolvidos, ter a oportunidade de nos deparar com questionamentos, confrontar ideias e sobretudo, a troca de saberes e conhecimentos entre campos distintos proporcionado pelo trabalho interdisciplinar. A formação continuada foi um processo de aprendizagem importante e necessário para que pudéssemos elaborar metodologias capazes de contribuir para um melhor diálogo, a fim de compartilhar experiências e troca de saberes. As discussões levantadas em sala de aula tiveram como intuito provocar neles o sentimento de valorização quanto ao lugar que pertencem bem como suas atividades artísticas apresentar a ferramenta a qual eles terão acesso para divulgarem suas atividades artísticas principalmente de maneira gratuita.

Porém o discurso da valorização quanto à produção de cultura local era entendido com resistência. Os jovens desacreditavam na importância das suas atividades culturais, em decorrência constante de preconceitos que eram e são submetidos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ilza Araújo Leão de. “O trabalho Social como fazer universitário: a experiência da extensão”. In ANDRADE, Ilza Araújo Leão de (org.). Metodologia do trabalho social: a experiência da extensão universitária. Natal/RN: EDUFRN, 2006.

CHAUÍ, Marilena. Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1987.

HALL, Stuart. Da diáspora: Identidades e mediações culturais. Editora UFMG, Belo Horizonte, 2003.

Filme Narradores de Javé, Ano de Lançamento (Brasil): 2003, Estúdio: Bananeira Filmes / Gullane Filmes / Laterit Productions, Distribuição: Riofilme, Direção: Eliane Caffé, Roteiro: Luiz Alberto de Abreu e Eliane Caffé, Produção: Vânia Catani, Música: DJ Dolores e Orquestra Santa Massa, Fotografia: Hugo Kovensky, Direção de Arte: Carla Caffé, Edição: Daniel Rezende

ELIAS, Norbert. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Jorge Zahar Ed. , Rio de Janeiro, 2000.

OLIVEIRA, Iris Maria de. “Anotações metodológicas sobre o trabalho com comunidades e grupos populares na perspectiva da educação popular”. In ANDRADE, Ilza Araújo Leão de (org.). Metodologia do trabalho social: a experiência da extensão universitária. Natal/RN: EDUFRN, 2006.

Site do PAMIN <http://pamin.lavid.ufpb.br/principal.js>

WACQUANT, Loic. Os condenados da cidade. Ed. Revan/Fase Observatório IPPUR-UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.